



**O *Gottesgeburtszyklus* de Meister Eckhart: a mística fundamental do
“nascimento de Deus na alma” (Sermões 101 a 104)**
**The *Gottesgeburtszyklus* by Master Eckhart: the fundamental mystic of
“birth of God in soul” (Sermons 101 to 104)**

Bento Silva SANTOS¹

Resumo: Entre os temas centrais da “mística fundamental” de Meister Eckhart, o presente artigo trata brevemente do célebre ciclo dos sermões sobre o “nascimento de Deus na alma” (101-104), escritos no médio-alto alemão. Nas obras do Mestre renano há inegavelmente uma vontade mística de libertar-se do horizonte psicológico da subjetividade humana, a fim de expressar a Deus e a união da alma com a divindade. Nesses Sermões Eckhart afirma a necessidade do intelecto de “interiorizar-se”; ele deve retornar à sua “essência”, realizando-se assim o “nascimento de Deus na alma”. Como isto acontece para Eckhart? O coroamento da ação de Deus no “fundo da alma” se assemelharia ao cume do “saber desconhecido”; isto representa para o intelecto um estado de “obscuridade” epistêmica”. Neste sentido, a ausência de saber é a condição de união com a Deidade (*Gottheit*): não podemos ver a Deus senão pela cegueira, não podemos conhecê-lo senão pelo não-conhecimento. “Retornar” do mundo múltiplo ao Uno indistinto significa passar do estado de saber àquele do não-saber, do entre criado ao não-ente de Deus e atingir o não-ser da Deidade. Tal é a condição deste “nascimento”.

Abstract: this work analyses the famous sermons of “the birth of God in soul” (101-104), wrote in Middle High German by Master Eckhart, one of the main themes of his studies about the “fundamental mystic”. In the words of the Rhine master has been an unequivocally mystic and will to be free of psychological horizon of human subjectivity, as an expression to God and to soul’s union with the divinity. Eckhart affirmed in these sermons the intellectual necessity of “internalize itself”, *i.e.*, the intellect would come back to his “essence”. Thus, it will perform the “birth of God in soul”. How it happens to Eckhart? The coronation of God’s action into the “deep of soul” will resemble to the top of “knowledge unknown”, it means, a condition of “epistemic obscurity” to the intellect. Therefore, the absence of knowledge is the condition for the union with the deity (*Gottheit*): we can’t see God unless by the blindness. We can’t know him unless by the “unknowledge”. The “return” from the multiply world to the indistinct One means to pass from the

¹ Professor de Filosofia Medieval da Ufes. *Site:* www.bentosilvasantos.com. *E-mail:* benedictus1983@libero.it

condition of know to the unknown; It means yet the transition between the created being to the nonbeing of God until culminate the nonbeing of deity. This is the condition of this “birth”.

Palavras-chave: Mestre Eckhart – Deus – Alma – Filosofia Medieval.

Keywords: Master Eckhart – God – Soul – Medieval Philosophy.

Recebido em 20.04.2012

Aceito em 29.04.2012

Introdução

Meister Eckhart (ca. 1260-1328) é um pensador medieval, original e atípico, se comparado com outros pensadores na Idade Média. Eckhart não é nem um teólogo, *stricto sensu*, nem um “místico” que teria feito a narração de suas visões. No entanto, Eckhart foi considerado, ao mesmo tempo, “teólogo” e “místico”, *Lebemeister* (Mestre de vida) e *Lesemeister* (Mestre de leitura), na história de sua recepção tanto no seu tempo como nos séculos sucessivos: de fato, Eckhart² foi recebido como o “amável mestre”, cujas palavras penetravam nos corações (embora sem a compreensão de suas expressões próprias) e, ao mesmo tempo, como o “grande mestre”, o “místico”, cuja espiritualidade foi rotulada como herética e hostil à Igreja de Roma³.

Não somente Eckhart é reconhecido como “teólogo” e “místico”, mas também como aquele que abriu igualmente os caminhos do diálogo

² Os escritos de Eckhart são citados segundo a edição crítica e obedecendo à seguinte nomenclatura: *DW* = Meister ECKHART, *Die deutschen Werke*, hg. im Auftrage der Deutschen Forschungsgemeinschaft. Stuttgart-Berlin: Kohlhammer, 1936ss; *LW* = Meister ECKHART, *Die lateinischen Werke*, hg. im Auftrage der Deutschen Forschungsgemeinschaft. Stuttgart-Berlin: Kohlhammer, 1936ss.

³ Cf. o *Sermão 15 – Clarifica me, pater charitate* – do dominicano Johannes Tauler onde se refere a Eckhart como aquele que “falava do ponto de vista da eternidade”, falava a partir do coração de Deus, “aí onde o Pai engendra seu Filho”: “Sobre essas coisas, um amável mestre nos instruiu e falou a vocês e vocês não o compreenderam. Ele falava do ponto de vista da eternidade, e vocês o compreenderam do ponto de vista do tempo” [...] “falou dessa experiência [do conhecimento supra-sensível] sem modo [ou seja, sem relação com a forma humana] e sem via [conhecível]. Muitas pessoas a compreendem do ponto de vista dos sentidos exteriores e se tornam homens intoxicados” (J. TAULER, *Predigten – Band I*. Druck: Johannes Verlag Einsiedeln, 1987, 100-107). Cf. também Marie-Anne VANNIER, *L’actualité de Maître Eckhart*, in *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 94 (2010) 39-59.

interreligioso que, longe se assimilá-lo ao budismo⁴, evidencia, ao contrário, a originalidade de cada tradição religiosa e suas eventuais convergências⁵. Poderíamos até mesmo acrescentar que Mestre dominicano abre mais radicalmente o diálogo com o judaísmo, quando se refere frequentemente a Moisés Maimônides⁶ e, sobretudo, retomando elementos da mística judaica para dar conta da vida em Deus e comentar o versículo central de Ex 3,14⁷.

I. Meister Eckhart: “filósofo” e “místico” do Cristianismo

A julgar pela chave hermética de sua obra, fornecida pelo próprio Eckhart em seu *Exposito sancti Evangelii secundum Iohannem*⁸, em sua vasta e complexa obra constata-se uma radicalização das relações entre *fides et ratio* dando à razão todos os seus direitos, não somente em sua interpretação da Escritura, mas também na realização do pensamento humano.

Neste sentido, segundo a chamada Escola de Bochum – sobretudo Kurt Flasch⁹ e Burckhard Mojsisch¹⁰ -, a atualidade de Eckhart é, na verdade, a de

⁴ Não obstante, há aqueles que estabelecem aproximações válidas entre o pensamento de Eckhart e o budismo Mahayana, fundamento filosófico e religioso do zen: cf. Shizuteru UEDA, *Le bouddhisme zen et Maître Eckhart*, in CASTEIGT, J. (sous la dir.), *Maître Eckhart*. Paris: Cerf, 2012, 343-361.

⁵ Por exemplo, entre Induísmo, Islamismo e Cristianismo: Cf. R. SHAH-KAZEMI, *Shankara, Ibn'Arabí et Maître Eckhart. La voie de la Transcendance*. Paris: L'Harmattan, 2010.

⁶ Cf. Y. SCHWARTZ, *Maître Eckhart et Moïse Maimonide. Du rationalisme judéo-arabe à la théologie vernaculaire chrétienne*, in CASTEIGT, J. (sous la dir.), *Maître Eckhart*, 229-255.

⁷ Cf. ECKHART, *Expositio Libri Exodi (LW II, 1-227)*. Cf. também P. GIRE, *Maître Eckhart et la métaphysique de l'Exode*. Paris: Cerf, 2006.

⁸ “2. Na explicação desta palavra como das outras que seguem, a intenção do autor é, aqui como em todas suas outras obras, explicar por meio das razões naturais dos filósofos o que a fé cristã e os dois testamentos afirmaram. ‘Com efeito, desde a criação do mundo, as coisas divinas são percebidas pelo intelecto através das coisas criadas: sua própria potência eterna’, isto é, o Filho’, ‘e a divindade’, isto é, o Espírito Santo’, como o diz a glosa de Rmanos 1,20. Além disso, no Livro VII das *Confissões*, Agostinho diz ter lido nos livros de Platão ‘No princípio era o Verbo’, bem como uma boa parte deste capítulo de João. Ademais, no Livro X da *Cidade de Deus*, ele fala de um platônico afirmando que o início deste capítulo, até ‘um homem foi enviado por Deus’, devia ser escrito em letras de ouro e exposto nos lugares mais eminentes. 3. Além disso, a intenção desta obra é mostrar como as verdades dos princípios, das conclusões e das propriedades naturais estão bem presentes nas próprias palavras da santa Escritura que são explicadas pelas razões naturais – ‘que entenda aquele que tem ouvidos’”. ECKHART, *Exposito sancti Evangelii secundum Iohannem, Prooemium*, § 2-3 [LW III, 4]; trad. A. DE LIBERA; E.-H. WÉBER; E. ZUM BRUNN, *Le Commentaire de l'Évangile selon Jean. Le Prologue, chap. 1,1-18*. Paris: Cerf, 1989, 27-29.

⁹ K. FLASCH, *D'Averroès à Maître Eckhart. Les sources arabes de la “mystique” allemande*. Paris: Vrin, 2008; IDEM, *Maître Eckhart. Philosophe du christianisme*. Paris: Vrin, 2011.

um *filósofo*, que se esforça por “tornar inteligível, ainda que parcialmente, o campo da experiência visualizada em toda a sua amplitude, isto é, em fazer ver a racionalidade imanente, que lhe dá sua justificação”.¹¹

A audácia da intenção filosófica que Eckhart procurou foi, não obstante a crise averroísta, um projeto que tinha sido o da própria Universidade de Paris: aclarar pela luz natural da filosofia uma fé em busca de inteligibilidade.¹²

Deixando de lado uma tese polêmica, segundo a qual teríamos um Eckhart teólogo escolástico (obras escritas em latim) diferente de um Eckhart místico (obras escritas no médio-alto alemão), sua verdadeira atualidade, caso se situe efetivamente em sua *mística*, não vem de uma “mística selvagem”, a-teológica, mas reside, ao contrário, na *expressão teológica* que Eckhart soube dar de sua experiência mística. Esta deu origem à sua antropologia, à sua teologia trinitária, à sua cristologia e à sua soteriologia.

Por fim, a interpretação adequada dos Sermões e/ou dos Tratados deve pautar-se pelo critério de abordar tanto a obra latina como a obra alemã, não como dois blocos separados, mas como duas expressões de um mesmo e único pensamento. Como bem observou Alain de Libera, há certamente dois públicos assaz diferentes aos quais Eckhart se dirigiu, mas isto não justifica a distinção que se estabeleceu a seu respeito entre, de um lado, o sábio ou teólogo, de outro lado, o espiritual ou místico. É possível falar de duas línguas de comunicação, o latim e o alemão, mas é sempre o mesmo teólogo que se exprime.¹³

Como se depreende da recente publicação intitulada *Maître Eckhart* (sob a coordenação de Julie Casteigt)¹⁴, a obra de Eckhart é estudada ora a partir de questões metafísicas e teológicas mais amplas (Deus, o Uno, a Trindade, os transcendentais, a teoria do intelecto), ora reagrupando questões espirituais, morais e antropológicas suscitadas pela reflexão eckhartiana, ora, por fim, explicitando tanto as fontes (Plotino, Maimônides, Tomás de Aquino, etc.) como a fecundidade de seu pensamento (o idealismo alemão, Heidegger, Derrida, etc.).

¹⁰ B. MOJSISCH, *Meister Eckhart. Analogie, Univozität und Einheit*. Hamburg: Meiner, 1983.

¹¹ F. BRUNNER, *Mysticisme et rationalité chez maître Eckhart*, *Dialectica* 45 (1991) 99-115.

¹² Cf. K. FLASCH, *D’Averroès à Maître Eckhart...*, 126-142.

¹³ Cf. A. DE LIBERA, *Mystique et philosophie: Maître Eckhart*, in VV.AA., *Voici Maître Eckhart*. Grenoble: J. Millon, 1994, 319-320.

¹⁴ Cf. *Maître Eckhart*. Paris: Cerf, 2012.

Por conseguinte, sob uma problemática de conjunto, encontramos na obra de Eckhart elaborações de cunho metafísico, teológico e místico. Considerando as palavras-chave de sua “mística” – o nascimento do Filho na alma, a centelha da alma, o abismo da alma ou a razão superior – no Sermão XII (*Qui audit me, non confundetur*), Eckhart trata, por exemplo, da presença de “alguma coisa na alma” (*Etwas in der Seele*); esta “alguma coisa” está “na” alma sem ser “da” alma. Para expressar esta “alguma coisa” presente na alma, Eckhart utiliza metáforas para tentar nomear este inominável: “centelha” do Intelecto divino¹⁵, “pequena centelha da alma” (*vüinklin der sêle*), “fundo da alma” (*grûnt*), “pequeno castelo forte” (*bürgelin*). Em vez de indagar se este refúgio secreto – centelha de luz, castelo forte, deserto silencioso ou fundo simples – é incriado ou criado, trata-se de saber se o homem é exclusivamente isto.

Eis a resposta: o homem é uma alma que, voltada para o *exterior*, anima seu corpo no espaço e no tempo, na região múltipla do dessemelhante e que, voltada para o *interior*, atinge o fundo incriado no qual Deus penetra e habita em sentido próprio. Mesmo admitindo com Kurt Flasch que Eckhart não disse “eu sou um místico renano” – como dele afirmou a filologia alemã do século XIX -, e que o adjetivo “místico” não manifeste o melhor modo de conhecer a singularidade histórica do pensamento de Eckhart¹⁶, há inegavelmente nos textos latinos e nas obras espirituais alemães uma vontade mística de libertar-se do horizonte psicológico da subjetividade humana, a fim de expressar a Deus e a união da alma com a divindade. Como expressar o “lugar” onde se realiza a união da alma com Deus?

A presença de “alguma coisa” na alma é uma potência capaz de apreender a Deus unindo-se a Ele: esta união não ultrapassaria a capacidade do intelecto como faculdade? Para quem deseja que o “nascimento de Deus” se engendre no “fundo” de sua alma, deverá preparar a disposição de sua faculdade intelectual. É preciso que o intelecto se *interiorize*; ele deve *retornar* para a sua “essência”, realizando-se assim o “nascimento de Deus na alma”. Como isto acontece para Eckhart?

O coroamento da ação de Deus no “fundo da alma” não se assemelharia ao cume do “saber desconhecido” que para o intelecto representa um estado de “obscuridade” epistêmica? A ausência de saber é, portanto, a condição de união com a Deidade: não podemos ver a Deus senão pela cegueira, não podemos conhecê-lo senão pelo não-conhecimento. *Retornar* do mundo

¹⁵ Cf. É-H. WEBER, *Petite étincelle et fond de l'âme*, in VV.AA., *Voici Maître Eckhart*, 105-118.

¹⁶ Cf. K. FLASCH, *Maître Eckhart. Philosophe du christianisme*, 205.29

múltiplo ao Uno indistinto significa passar do estado de saber àquele do não-saber, do entre criado ao não-ente de Deus e atingir o não-ser da Deidade.¹⁷

II. A “mística fundamental” de Meister Eckhart: o “nascimento de Deus na alma”

Para corroborar a “mística fundamental” do pensamento eckhartiano – *contra* a interpretação de Kurt Flasch¹⁸ –, examinarei brevemente o ciclo dos sermões sobre o “nascimento de Deus na alma”¹⁹; trata-se de quatro sermões (101-104), pregados por Eckhart em língua vulgar, destinado a um auditório não universitário, mas letrado. Esses quatro sermões (101-104), que foram traduzidos do médio-alto alemão por Gérard Pfister em colaboração com Marie-Anne Vannier²⁰, e que têm como tema central o “nascimento de Deus”, que não se refere a um evento factual do passado, mas acontece, de maneira renovada, sem interrupção, na alma. Segundo Georg Steer, o tempo de redação provável desses sermões vai de 1298 até 1305, particularmente durante os anos imediatamente posteriores à estadia parisiense de Eckhart em 1302-1303.²¹

Marie-Anne Vannier apresenta com clareza e precisão os Sermões 102 a 104, e o artigo de Rodrigo Guerizoli sintetiza várias questões desenvolvidas amplamente em sua obra de 2006: a “redescoberta” dos sermões sobre o “nascimento de Deus na alma”, o consenso sobre a autenticidade dos mesmos, o tema e método, plano do ciclo, exposição racional do “nascimento de Deus na alma” (distinção entre “fundo da alma” e suas “faculdades”;

¹⁷ Cf. H. PASQUA, *Maître Eckhart. Le procès de l'Un*. Paris: Cerf, 2006, 90.

¹⁸ Em várias publicações K. Flasch mostra-se assaz crítico em relação à tendência de captar a singularidade histórica do pensamento de Eckhart a partir do adjetivo “místico”. Ao contrário, Flasch empenha-se metodologicamente por estudar a terminologia concreta, a técnica das citações e a rede argumentativa dos escritos de Eckhart, descrendo-as em relação com os debates de sua época, a fim de avaliar criticamente as qualificações dadas ao Mestre dominicano, a saber: “místico”, “filósofo”, “teólogo”, “exegeta” ou “pregador”. Neste sentido a singularidade histórica do Mestre renano seria apreendida fundamentalmente pela explicitação dos motivos teóricos que subjazem ao *seu modo particular de interpretar* a Bíblia, a saber: “os argumentos filosóficos”.

¹⁹ A propósito do *Gottesgeburtsszyklus*, entre outros, cf. R. GUERIZOLI, *Le cycle de Sermons sur la “naissance de Dieu dans l’âme”*, in CASTEIGT, J. (sous la dir.), *Maître Eckhart*, 105-122; IDEM, *Die Verinnerlichung des Göttlichen. Eine Studie über den Gottesgeburtsszyklus und die Armutspredigt Meister Eckharts*. Leiden-Boston: Brill, 2006.

²⁰ ECKHART, *Sermons 101-104... Sur la naissance de Dieu dans l’âme*. Orbey: Arfuye, 2004.

²¹ G. STEER, *Predigt 101*, in G. STEER & L. STURLESE (ed.), *Lectura Eckhardi. Predigten Meister Eckharts von Fachgelehrten gelesen und gedeutet*. Stuttgart-Berlin-Köln: Kohlhamer, 1988, 247-288.

receptividade perfeita do “fundo da alma” à ação de Deus; o evento da união é examinado através de uma reflexão de ordem ética e epistemológica) e as relações entre o “nascimento de Deus na alma” e o intelecto.

O *Sermão* 101 constitui a introdução de um pequeno tratado sobre o nascimento de Deus na alma e se articula em três pontos: o lugar do nascimento, a atitude a ser adotada e os frutos que podem ser extraídos deste nascimento. A metáfora do nascimento é utilizada para, em seguida, ser redimensionada por vários deslocamentos:

“Eis que entramos no tempo [domingo da oitava de Natal] do nascimento eterno, pelo qual Deus Pai engendrou na eternidade e não cessa de engendrar a fim de que este mesmo nascimento se produza hoje, no tempo, na natureza humana. ‘Que este nascimento se produza sempre’, diz Santo Agostinho, ‘para quê isto me serve se não se produz em mim?’ Que ele se produz em mim, é o que importa”.

Nas primeiras linhas do sermão emerge o primeiro deslocamento: Eckhart vê o Natal, não como um evento passado, mas como atual. O termo “nascimento eterno” precisa o sentido da encarnação continuada; trata-se, portanto, de um nascimento que se produz *sem descontinuidade*. O nascimento de qualquer ser vivo é realizado quando o recém-nascido deixou o seio materno. Um nascimento “*âne underláz*” (“sem descanso”) não é um simples engendramento, mas, antes, um engendramento contínuo e um evento constante, pois acontece na eternidade.

O que nasce não é o produto coisificado ou condensado da força do engendramento divino; o engendramento constitui sua própria atividade sempre renovada. Um segundo deslocamento surge quando Eckhart se explica imediatamente: o nascimento do Filho na deidade – cujo significado consiste em um evento contínuo – só me interessa na medida em que ele se produz em mim: trata-se do mesmo nascimento que se produz no Filho eterno e em “nós”. E assim que Deus Pai engendra seu Filho: “na unidade verdadeira da natureza divina” [...]. Deus engendra seu Filho em nós exatamente da mesma maneira que ele faz no eterno: “É desta mesma maneira e de nenhuma outra que Deus Pai engendra seu Filho no fundo e na essência da alma, e a ela se une”.²²

Quando Eckhart responde à questão sobre o *lugar deste nascimento* aparece um terceiro deslocamento: o nascimento se produz na nobreza da alma, quando

²² ECKHART, *Sermão* 101, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 46.

esta interioridade máxima vive concentrada em si: “Com efeito, é no mais puro e no mais nobre do que a alma pode oferecer, no fundo e, melhor ainda, na essência da alma, isto é, naquilo que ela tem de mais escondido” que se realiza este nascimento. “Deus entra aqui na alma em sua inteireza, e não somente em parte. Deus penetra aqui o fundo da alma. Ninguém pode entrar no fundo da alma senão unicamente Deus”.²³

Portanto, o nascimento de Deus se realiza em nós, não enquanto somos seres naturais, mas se produz em nós enquanto “mente”: não na alma que percebe o mundo exterior e procura alguma coisa nele, mas no fundo da alma: aqui o termo “Vernunft” é o que mais nobre no homem, a essência (“wesen”) em oposição às forças (“kreften”). Para Alberto Magno, Tomás de Aquino e Dietrich de Freiberg tal era o intelecto, que era concebido por Dietrich e Eckhart como o fundo intelectual da alma, sua substância.

Eis a atitude a ser adotada diante deste nascimento, responde Eckhart: o acolhimento, o silêncio, o *gotliden* (“padecer-Deus”) ou, parafraseando esta expressão, “permanecer inteiramente em uma pura passividade diante de Deus”. Quando Eckhart louva em seguida a “ignorância”, afirmando que nossa salvação repousa no “não saber”, este deve ser um “não saber” que procede de um saber. Trata-se de um “não saber” *qualificado*, não de uma pura privação de conhecimento, não de um eclipse da inteligência, mas de um saber transfigurado: “... nossa ignorância é enobrecida e ornada pelo saber sobrenatural”.²⁴

Os *Sermões* 102 a 104 desenvolvem os primeiros pontos do *Sermão* 101, mas Eckhart neles adota o método de questões-respostas: cinco no *Sermão* 102, seis nos *Sermões* 103 e 104. No *Sermão* 102 Eckhart precisa o lugar do nascimento, o fundo da alma, explicando o seu motivo: ela foi criada à imagem de Deus. O *Sermão* mostra a continuidade que liga filiação e criação: “Por este nascimento tu te tornas participante no influxo divino e em todos os seus dons. Isto, as criaturas nas quais não se encontra a imagem de deus não podem recebê-lo”.²⁵

Eckhart retoma a questão do proveito que resulta deste nascimento e o interpreta em termos de iluminação: “Por este nascimento Deus se expande na alma com sua luz, que cresce de tal modo na essência e no fundo da alma que ela se arremessa impetuosamente e extravasa nas potências e no homem

²³ ECKHART, *Sermão* 101, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 40.42.

²⁴ ECKHART, *Sermão* 101, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 38.

²⁵ ECKHART, *Sermão* 102, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 68

exterior”²⁶. “Expandir-se, crescer, arremessar-se, extravasar” são expressões que explicam o nascimento como fluxo. Onde este fluxo tem sua fonte? No fundo da alma, e este fundo coincide com o fundo de Deus: a Deidade.

No *Sermão* 103, Eckhart se esforça por considerar a atitude requerida para que este nascimento se realize: atitude de acolhimento, do que ele chama de *godlidên*, o *padecer-Deus* e a ignorância. No *Sermão* 104 Eckhart procura se o nascimento de Deus intervém continuamente ou por intervalos, o que implica tratar dos três modos de intelecto: ativo, passivo e possível²⁷.

Este texto, afirma Marie-Anne Vannier, “convida a interioridade e a identificar-se com a obra do Pai, o que lhe permite depreender no fim do sermão o sentido do nascimento de Deus na alma que não é senão a introdução à vida trinitária”.²⁸

Como bem observou Bernard McGinn, há três palavras-chave²⁹ no *Sermão* 101: este procede de um enunciado bíblico composto de duas citações: o primeiro afirma: enquanto um pacífico silêncio envolvia todas as coisas, um verbo escondido me vem do alto, do trono real... *dum medium silentium tenerent omnia ... de caelis porro ad me dictum est verbum absconditum* (Sb 18,14-15). Desta citação associada a outra passagem (Jô 4,12), Eckhart extrai três palavras-chave: *medium*, *silentium* e *verbum absconditum*.

Ele associa o silêncio e o Verbo a partir deste *medium* (traduzido pelo substantivo “mediação”) entre Deus e a alma que torna possível este nascimento: não há mediação entre o Verbo divino e o fundo da alma: o nascimento se produz imediatamente. Portanto, o fundo da alma não deve deixar-se atrair para o exterior por suas potências. Este nascimento interrompe os três tipos de tensões espirituais em direção ao mundo exterior: suspende as relações com o mundo que a razão, a memória e a vontade produzem; só Deus pode beatificar a alma, imediatamente, sem *medium*.

No momento da entrada do Pai no fundo da alma, o homem é receptivo; ele *escuta* e nada tem a falar; ele *recebe* e não age. É preciso interromper todo

²⁶ ECKHART, *Sermão* 102, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 70.

²⁷ ECKHART, *Sermão* 104, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 121. A distinção dessas formas de intelecto provém da teoria aristotélica que Eckhart recebe por meio da releitura de Averróis feita por Alberto Magno e Thierry de Freiberg.

²⁸ M.A. VANNIER, *Préface*, in ECKHART, *Sermons* 101-104, in *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 24.

²⁹ Cf. B. MCGINN, *The Mystical Thought of Meister Eckhart. The Man from whom God hid nothing*. New York: The Crossroad Publ., 2001, 55.

contato com o mundo exterior, tornar-se ignorante de todas as coisas, tornar-se totalmente ignorante, até mesmo de sua própria vida. As potências da alma produzem continuamente representações do mundo e atraem o fundo da alma para o exterior.

Por si mesma, a alma não possui nenhuma imagem. As imagens são determinadas, seus contornos são esboçados de modo fixo. Contudo, em outro sentido a alma é também imagem: ela não tem imagem de si, pois é imagem não-estabilizada do Deus infinito. Eckhart sublinha em formas simétricas a co-presença simultânea do “não saber” e da evidência de si. Não é inexato afirmar que Eckhart “combate todo conhecimento de si pelas vias naturais”³⁰. Não *conhecemos* o si, mas ele *se mostra*. O si se mostra como obscuridade. O nascimento de Deus na alma pressupõe a entrada nesta obscuridade de si mesmo.

Conclusão

Tal é o silêncio. Por fim, Deus vem como “verbo escondido”³¹: *verbum absconditum* significa o verbo que nasce em nós e que é apreendido, antes, como “não saber” do que como saber. O nascimento não se realiza enquanto percorremos com os olhos alguma proposição filosófico-dogmática sobre os atributos divinos; não é fruto de um simples ato da razão ou de algum resultado do estudo erudito sobre Deus. Deus é um abismo; a alma também é um abismo: Deus e a alma se unem em um modo abissal. A ciência escolar deve calar-se. Esse saber deve reconhecer-se como “não saber”, para que a luz de Deus possa revelar-se.

Esta se manifesta como um potente clarão que transtorna tudo o que era estabelecido até então. A nova luz nos inunda sem descontinuidade. A última palavra não é impotência e trevas, mas perfeição e banquete celeste. Convite e festa na corte celeste, aqui embaixo sobre a terra. Mesmo que Deus se afaste por um instante, o nascimento divino significa que Deus nasce; ele consiste no começo novo do homem divino.

O coração do homem permanece, mas ele é transformado. Um saber transformado nasce da doura ignorância. A natureza intelectual é perfeita, não divina. A conversão não é dispensável; ela permanece uma entrada no deserto

³⁰ G. STEER, *Predigt 101*, in G. STEER & L. STURLESE (ed.), *Lectura Eckhardi*, 273.

³¹ ECKHART, *Sermão 103*, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 91-116.

interior e nas trevas (*caligo*). O amor é mais forte que a morte. Ele sobrevive ao completo desprendimento em relação às coisas e ao saber ordinário.³²

³² ECKHART, *Sermão* 103, em *Sur la naissance de Dieu dans l'âme*, 115-116.